

SOBRE DARMSTADT

Por volta dos últimos alentos dos anos cinquenta, aqui no Brasil, alguns de nós constatamos que vivíamos em inconsolável atraso musical. E o resto do ocidente não se achava arranjado em posição mais apurada, valedora: alguns *neoísmos* insulsos, retardatários do século XIX, outros: *much dissonance about nothing*, messiânicos velhos testamentos, recalcitrantes nacionalismos insípidos.

E, com efeito, de Darmsdadt ressurgida do pós-guerra, ainda a desfazer-se dos escombros, como se não houvesse monturos (de toda ordem) a soterrar, apregoava-se a *NEUE MUSIK* para o mundo civilizado.

De fato, uma música civilizada. Em lugar do Homem, estruturas puras, assépticas (incontagiadas pelos horrores da guerra). Ordenações matemáticas exequíveis para substituir sentimentos do mundo: para mascarar clamores.

Algum tempo antes, antes mesmo da entrada do imperialismo norte-americano na Segunda Guerra Mundial, a CIA já trabalhava a *Intelligentzia* do Mundo Livre no afã de desvincular a arte da realidade, de preterir a arte figurativa (vinculável às propostas artísticas da União Soviética) como arte velha; e almejar a abstração como manifestação do mundo novo, livre, democrático*. E digamos, sem passagem, que na alvorada dos anos sessenta, ignorávamos este feito cultural da Central de Inteligência dos Estados Unidos da América...

Todavia, em Darmstadt, “ouvimos como músico algum ouvira até então”: a música de Stockhausen (de inquestionável invenção) como o *Kontrapunkte*, *Klavierstücke* (fundamentais), *Momente*, *Punkte*. O *Circles* de Berio continua soando na memória até hoje, tal como naquela noite em Darmstadt, com espanto e alma. E outras e outras que se desvaneceram – com o tempo – e, no entanto, ferazes. E enquanto isso, aqui nas Américas se praticavam desrespeitosas vestes eruditas (a partir de sobejos do século XIX) violentando *folklores* arrancados a fórceps. O interesse da música de Darmstadt superava-nos: pelo inaudito, pela força do gênio de Stockhausen, do canto lhano de Berio.

Havia, outrossim, em Darmstadt, cantares de sereias, e Stockhausen não cuidou de atar-se ao mastro e principiou a cortar o cabelo diante de plateias, a ouvir estrídulos de Sirius e a meter um quarteto de cordas em possantes helicópteros: porque um pequeno-burguês, mesmo genial, não alcança ir muito além quando se deixa encantar com os cantos das sereias amestradas em desenvolvidos centros financeiros. Capitalismo não tem espírito, não tem alma. Sem alma, sem espírito, soçobra o cérebro na desesperação de gerar dinheiro a qualquer custo. E misérias várias. Vocês, decerto, sabem tanto quanto eu sei. *With usura hath no man a house of good stone*.

Em Darmstadt, sobre Darmstadt, para Darmstadt: escutei uma cortina de silêncio (*mauvaise conscience*) que se estendia (pesada) sobre os nomes de Eisler e Dessau. Por mais que sons possam substituir pausas, nem sempre o resto é silêncio.

Envoi: Em Darmstadt recebi o *Allgemeine Periodik* de Henri Pousseur. Sou muito, muito grato.

* Para maiores informações, procurar no Google “Pollock e a CIA”.

Willy Corrêa de Oliveira
SP, 11 de fev., 2017